



## **INTERFACES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O PAPEL DA ESCOLA NA SOCIEDADE MIDIATIZADA**

Ana Cláudia Valério<sup>1</sup>  
Alexandre Felipe Fiuza<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo estudar as interfaces entre Comunicação e Educação, destacando o papel da escola na sociedade midiaticizada. Tal como uma pesquisa teórica e bibliográfica, foram discutidos autores que nos mostram as características desta sociedade marcada pela presença dos meios de comunicação, as interfaces entre educação e comunicação e mais especificamente a inserção da escola nesse contexto. O ambiente escolar deve ser o espaço para promoção da educação para os meios de comunicação, para que os cidadãos tenham uma compreensão mais crítica da realidade e a escola se aproxime cada vez mais dos alunos, podendo contribuir efetivamente para a sua formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Educação; Sociedade Midiaticizada; Escola.

**ABSTRACT:** This article aims to study the interfaces between communication and education, highlighting the role of schools in the mediaticized society. As a theoretical and bibliographic research, the authors show that the characteristics of this society marked by the presence of the media, the interfaces between communication and education, and more specifically the inclusion of the school in this context were discussed. The school environment should be a space for promoting education for the media so that citizens have a more critical understanding of reality and the school is closer and closer students and can contribute effectively to their training.

**KEY-WORDS:** Communication; Education; Mediatic society; School.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UNIOESTE), Graduada em Comunicação (UEPG) e professora do Colegiado de Comunicação Social da FAG (Faculdade Assis Gurgacz). E-mail: anavalerio23@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Orientador. E-mail: alefiuza@terra.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre a intersecção entre as áreas de comunicação e educação não são recentes. No início do século XX houve tentativas de relacionar os dois campos, mas foi com o desenvolvimento de novas tecnologias, como a Internet, a partir da década de 1990, que se consolida a necessidade de pensar os meios de maneira crítica e discutir o uso das tecnologias em sala de aula. “[...] o propósito de apreender as inter-relações entre os campos da Comunicação e da Educação pode ser remontado às décadas de 30 e 40 e deriva das inquietudes geradas pela expansão dos *media* no século XX [...]” (CITELLI, 2002 apud SANTOS, 2007, p. 60).

Essas relações entre Comunicação e Educação vêm sendo estudadas por autores das duas áreas.

O debate sobre a importância dos meios de comunicação na educação brasileira já aparecia nas décadas de 1920 e 1930, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. O documento traz a concepção de que a escola deve se aproximar das outras instituições sociais e ainda faz referências à utilização do rádio com fins educativos.

O educador Paulo Freire, em seus escritos, coloca a comunicação no centro de muitas ideias de educação, enfatizando a indissociabilidade entre educação e comunicação, afirmando que “[...] somente na comunicação tem sentido a vida humana [...], que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação” (FREIRE, 2005, p. 64).

Merece destaque também o comunicador argentino-uruguaio Mario Kaplún, considerado um dos iniciadores, na América Latina, da utilização em seus textos do termo *educación comunicativa*. Segundo Soares (2000), Kaplún traz o conceito de “Comunicação Educativa”, ou seja, utilizar a comunicação para dar à “educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando” (KAPLÚN apud SOARES, 2000, p. 20).

Na área das pesquisas em comunicação, especialmente após a década de 1980, também se abriram novas perspectivas, houve uma significativa mudança de paradigma. Dos estudos das formas de produção e influência dos meios de comunicação passou-se a dar atenção à recepção, considerando que o conhecimento construído pelo sujeito resulta de múltiplas interações, com amigos, família e também com a mídia.

O dualismo entre a perspectiva frankfurtiana<sup>3</sup>, desenvolvida na Europa e os funcionalistas<sup>4</sup> norte-americanos, ganha um novo elemento: os estudos de recepção e cultura desenvolvidos na América Latina. O foco deixa de ser os processos de produção dos meios de comunicação e passa ser o ambiente da recepção. É nesse sentido que aparece o conceito de mediações, do professor e pesquisador espanhol radicado na Colômbia, Jesús Martín-Barbero. O autor assume a intencionalidade dos discursos da mídia, mas pondera que o receptor tem sua vivência, sua cultura, sua história, sendo essas, fontes de mediação dos processos comunicativos. Os indivíduos, considerando as mediações, produzem sentidos próprios, a partir das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação.

Como percebemos, historicamente, autores da Educação e da Comunicação vêm se debruçando na compreensão das relações entre as duas áreas. Relações cada vez mais explícitas, já que estamos imersos em uma sociedade midiática.

Para Huelva (2005), estamos entrando em uma nova era do conhecimento, a do “pensamento visual”, na qual os meios de comunicação descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber e acabam se constituindo como principal cenário de socialização.

A constatação de que os meios de comunicação social de massa, principalmente os eletrônicos e digitais, estão cada vez mais presentes na vida das pessoas nos faz questionar se a formação do sujeito ainda é tarefa exclusiva da escola. Segundo o pesquisador mexicano Enrique E. Sánchez Ruiz (1992), a escola está perdendo espaço na sua função de geração, acumulação e transmissão de conhecimento e produção e reprodução cultural.

Nesse sentido, o autor Stanley Aronowitz, é ainda mais categórico ao destacar a importância dos meios de comunicação e da cultura popular na educação. Afirmando que:

O conhecimento escolar não constitui a única fonte de educação para os alunos, porventura nem mesmo a mais importante. Os jovens aprendem, para o bem e para o mal, por meio da cultura popular, especialmente pela música, por intermédio dos pais e estruturas familiares e, talvez mais importante, através dos seus pares (ARONOWITZ, 2005, p. 9).

Assim, este artigo pretende discutir o papel da escola com a emergência desta sociedade midiaticizada. Num primeiro momento serão apresentadas as características deste novo ambiente criado pelos meios de comunicação, depois será discutido como os dois campos educação e

---

<sup>3</sup> A perspectiva frankfurtiana ou Teoria Crítica, desenvolvida na Alemanha, traz o conceito de Indústria Cultural, afirmando que a mídia transforma a cultura em mercadoria, em objeto de consumo, servindo aos interesses do mercado.

<sup>4</sup> Nos estudos funcionalistas, o foco passa para as funções exercidas pela comunicação, visando à precisão e a eficácia do fluxo informativo.

comunicação se cruzam e sofrem influência mútua e por fim como a escola deve lidar com a realidade midiática.

## 2 SOCIEDADE MUDIÁTICA

A sociedade contemporânea está permeada pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias. As relações sociais e as formas de compreensão do mundo ganham nova configuração com a revolução tecnológica.

A emergência de uma sociedade midiática implica dizer que a nossa rotina de trabalho, as relações familiares, os encontros com os amigos, a escola, estão cruzados pelas tecnologias da comunicação.

Além de promover uma nova forma de se relacionar no e com o mundo, os novos dispositivos tecnológicos trazem para o seio da sociedade o princípio da velocidade, eliminam-se as fronteiras, hibridizam-se os conceitos, o tradicional se mistura com o virtual, numa realidade marcada por avanços e também retrocessos.

As novas tecnologias alteram a estrutura da nossa sociedade, reformam bases culturais, sociais e econômicas, se tornam quase tutoras da vida dos seres humanos. Nesse sentido, de acordo com Postman (1994, p.27), "uma tecnologia nova não acrescenta nem subtrai coisa alguma. Ela muda tudo". Ainda segundo o autor,

[...] as novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como “conhecimento” e “verdade”; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real. [...] a tecnologia cria novas concepções do que é real e, durante o processo mina as concepções mais velhas (POSTMAN, 1994, p. 22).

No entanto, segundo Castells (1999), não podemos cair num determinismo tecnológico. Para ele, a tecnologia não determina a sociedade e nem a sociedade ordena os rumos das transformações tecnológicas, o que há é um complexo processo de interação, pois, “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (p.25). E acrescenta,

A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da

própria tecnologia. A história da Internet fornece-nos amplas evidências de que os utilizadores, particularmente os primeiros milhares, foram, em grande medida, os produtores dessa tecnologia (CASTELLS, 2011, p. 17).

O referido autor destaca ainda, que por mais que a tecnologia não determine a sociedade, a sua evolução histórica e social, ela influencia a capacidade de mudança. Ou seja, a tecnologia ou a sua inexistência, “incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico” (CASTELLS, 1999, p. 26).

Na verdade, segundo Baccega (2005b), com o surgimento de novas tecnologias há uma reconfiguração do que já existe. Dessa forma, a autora aborda a evolução das formas de comunicação e transmissão das informações.

No século XV, as caravelas portuguesas, depois de muitos dias e noites, aportaram aqui. Pero Vaz de Caminha, o “repórter” de confiança da Coroa portuguesa, mandou a notícia. Ele escreveu: “Esta terra, senhor, [...] em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem”. Essa notícia chegou imediatamente a Portugal. Meses depois. Esse era o tempo do “imediatamente” que a tecnologia da época permitia. Hoje, assistimos a guerras, assassinatos, festas, muitas vezes no mesmo momento em que ocorrem. É o “imediatamente” de hoje. A diferença de tempo entre o acontecimento e a divulgação das notícias se deve ao avanço da tecnologia: é ela que reduz o tempo e encurta as distâncias. Os pontos mais longínquos do planeta são trazidos para a sala de nossa casa. Este é o novo mundo. Hoje, provavelmente, Caminha mandaria um e-mail para a Coroa e a correspondência secreta iria por jato, caso não fosse escaneada, seguindo também pela internet (BACCEGA, 2005b, pp. 8-9).

Castells (1999) aponta para o surgimento de um novo modelo comunicacional, que é a base da sociedade da informação. Para o autor, alguns aspectos representam esse novo sistema. A primeira característica é o fato de a informação ser a matéria-prima desse novo paradigma. Um segundo aspecto é a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, pois “como a informação é parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico” (Ibidem, p. 78).

Um terceiro ponto se refere à lógica de redes, e é nesse ponto que Castells (1999) apresenta a emergência de uma sociedade em rede. Ele afirma que não se pode caracterizar essa nova sociedade como sociedade de informação ou sociedade do conhecimento, porque informação e conhecimento sempre foram aspectos centrais em todas as sociedades. O que há de novo são as redes. De acordo com o autor, as redes são formas de sociabilidade mais flexíveis.

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal [...]. É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede. Estes programas são decididos socialmente fora da rede mas a partir do momento em que são inscritos na lógica da rede, a rede vai seguir eficientemente essas instruções, acrescentando, apagando e reconfigurando, até que um novo programa substitua ou modifique os códigos que comandam esse sistema operativo (CASTELLS, 2011, p. 20).

O ponto forte é o potencial desse novo sistema tecnológico que rege a sociedade em rede. Mas para melhor utilizá-lo, é necessário conhecer sua dinâmica, seus problemas e suas possibilidades. Uma dessas possibilidades é a flexibilidade. Segundo Castells (1999, p. 78), “não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes”.

Essa flexibilidade leva a outro aspecto, a convergência de diversas tecnologias em um sistema integrado. Caracterizado pela integração de vários meios de comunicação em uma rede interativa, “em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral, audiovisual da comunicação humana” (CASTELLS, 1999, p. 354).

A sociedade em rede transforma também as formas de sociabilidade, a maneira como estamos e nos relacionamos nos espaços sociais. Na direção, segundo Castells (2011), de uma sociedade de indivíduos em rede, não no sentido do isolamento.

O que nós observamos, não é ao desaparecimento da interação face a face ou ao acréscimo do isolamento das pessoas em frente dos seus computadores. Sabemos, pelos estudos em diferentes sociedades, que a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores. [...] A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento. As pessoas, na sua maioria, não disfarçam a sua identidade na Internet, exceto alguns adolescentes a fazer experiências de vida. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades (Ibidem, p. 23).

Nesse mesmo sentido, segundo Moraes (2006, p. 11), “as relações sociais e os processos de produção simbólica estão cada vez mais mediados”. Ou seja, a organização social é permeada pelos sistemas de comunicação. Assim, ao falarmos de uma sociedade mediada, é necessário discutir o termo mediação.

Sodré (2006), ao apresentar o termo *mediatização*, o diferencia de *mediação* e de *interação*. Segundo ele, a palavra *mediação* significa a ação de fazer com que duas partes se comuniquem, uma espécie de ponte entre elas. E *interação* é a forma como o processo de *mediação* é operado. Já *mediatização*

[...] é uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de *tecnomediações* – caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo de comunicação é técnica e mercadologicamente redefinido pela informação, isto é, por um produto a serviço da lei estrutural do valor, também conhecida como capital (SODRÉ, 2006, pp. 20-21).

Quando o autor inclui ao conceito de *mediatização*, a presença de uma espécie de prótese tecnológica, não quer dizer que a tecnologia esteja separada do indivíduo, como um instrumento, que ele pode manipular. Na verdade, ela se torna parte de sua realidade, rotina, ações e relações. Ou seja, “a *mediatização* implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo” (SODRÉ, 2006, p. 22).

A *mediatização*, portanto, interfere em todas as esferas da sociedade, e se consolida através de uma constante mistura, negociação e, como diz Sodré (2006), numa “articulação hibridizante” de todas as instituições presentes na sociedade com as organizações de mídia. De acordo com ele, a recepção dos produtos midiáticos acaba fazendo parte do nosso dia-a-dia de tal forma que para nós é algo automático. Dessa forma, a mídia,

[...] se torna uma espécie de suporte da consciência prática na medida em que os fluxos informativos fazem interface, reorganizam ou mesmo inventam rotinas inscritas no espaço-tempo existencial. A própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos pode ser vista como uma atividade rotineira, integrada em outras que são características da vida cotidiana (SODRÉ, 2006, p. 29).

No entanto, devemos considerar que esse processo de *mediatização* não é algo novo. Apenas encontra-se no seu auge, já que os mecanismos de interação entre as pessoas estão cada vez mais imbricados pelas tecnologias, que, por sua vez, se modificam em uma velocidade nunca antes imaginada.

Segundo Marcondes Filho (1994), os aparatos técnicos e tecnológicos acompanham a sociedade desde a Antiguidade. Desde quando o homem começou a intervir na natureza, ele passa a utilizar a técnica. A partir de então, passou a organizar o mundo tecnicamente. A sociedade está cheia de utensílios técnicos. Essa evolução e presença destes mecanismos se

tornaram tão naturais, que quanto mais o ser humano produz aparatos técnicos, menos ele os percebe, os compreende.

Isso vale também para os meios de comunicação, eles foram evoluindo com o desenvolvimento da sociedade. A cada momento histórico se desenvolveu um meio, da comunicação oral para escrita, o surgimento do rádio e da televisão e hoje a Internet. Cada um com a sua linguagem, forma e conteúdo foram provocando mudanças na nossa rotina, reorganizando os modos de vida.

Castells (1999) assevera que a comunicação sempre moldou a cultura, afinal conhecemos a realidade através da mediação simbólica dos meios de comunicação. Assim, como a comunicação é mediadora dos aspectos culturais, “as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (p. 354).

Marcondes Filho (1994) complementa que, hoje, os *media*, mais do que nunca, passaram a redefinir a estrutura da sociedade. Segundo ele, "o que garante que as coisas de fato existem é o fato de serem veiculadas nos meios de comunicação" (p. 64). Demonstrando que tudo é definido e organizado pelos veículos comunicacionais, pois, “[...] os meios de comunicação ocupam papel central na vida das pessoas. [...]. A marca desta era é que as coisas não valem pelo que elas são, elas só valem se forem comunicadas, divulgadas pelos sistema de comunicação, se mediadas por esse processo” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 64).

Castells (1999) acrescenta que o consumo da mídia se configura como a segunda atividade a qual dedicamos mais tempo. Perdendo apenas para o trabalho. Assim, para o autor é importante ter clareza de que, “vivemos em um ambiente de mídia, e a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação” (p. 361). Essa constatação nos leva a discutir o verdadeiro papel da mídia em nossa cultura, “[...] a mídia é a expressão de nossa cultura, e nossa cultura funciona principalmente por intermédio dos materiais propiciados pela mídia” (p. 362). Assim,

[...] ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. Vivemos com a mídia e pela mídia (CASTELLS, 1999, p. 358).

Martín-Barbero (1998), na obra *Cidade Virtual: novos cenários da comunicação*<sup>5</sup>, chega a afirmar que o funcionamento das cidades está sendo influenciado pela comunicação,

A hegemonia do paradigma informacional sobre a dinâmica do urbano leva a descobrir que a cidade já não é só um "espaço ocupado" ou construído, mas é também um espaço comunicacional, que conecta entre si seus diversos territórios e os conecta com o mundo. Há uma estreita simetria entre a expansão/fratura da cidade e o crescimento/adensamento dos meios e as redes eletrônicas. Se as novas condições de vida na cidade exigem a reinvenção de laços sociais e culturais "são as redes audiovisuais as que efetuam, a partir de sua própria lógica, uma nova diagramação dos espaços e intercâmbios urbanos". Na cidade disseminada e impossível de ser inteiramente abarcada, só os meios de comunicação possibilitam uma experiência-simulacro da cidade global. É na televisão, onde a câmera do helicóptero nos permite ter acesso a uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão. É na TV ou no rádio que cotidianamente conectamos com o que acontece na cidade "que vivemos" e nos envolvemos com os acontecimentos, por mais longe que deles estejamos: do massacre do palácio da justiça ao contágio de AIDS no banco de sangue de uma clínica, do acidente de tráfego que bloqueia a avenida pela qual devo chegar ao meu trabalho, aos avatares da política que fazem cair os valores na bolsa (Ibidem, pp. 61-62).

A mídia estrutura ou reestrutura percepções e conhecimentos, funcionando como uma espécie de agenda coletiva<sup>6</sup>. Ou seja, ela seleciona o que vamos discutir em casa, no trabalho, na Igreja, na escola. Frequentemente, as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula. Assim,

[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo (SHAW, 1979 apud WOLF, 1994, p. 144).

As discussões propostas pela *Agenda-setting* nos encaminham para a constatação de uma presença massiva da mídia na vida das pessoas. E isso é mostrado pelos números. Estudos demonstram que os brasileiros estão entre os que mais tempo ficam diante da televisão, perdendo apenas para os japoneses.

Se compararmos os estudos feitos pelo Instituto Eurodata TV Worldwide e pelo Ibope sobre o tempo médio gasto diante da televisão, veremos que os telespectadores japoneses, brasileiros e norte-americanos lideram o ranking mundial de 2004,

<sup>5</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade Virtual: novos cenários da comunicação. In: **Comunicação & Educação**. Número 11. Ano V. jan./abr. 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

<sup>6</sup> Este conceito deriva dos estudos da hipótese da *Agenda-setting*, desenvolvida pelos autores norte-americanos Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, no final da década de 1960. A teoria discute o agendamento temático que a mídia realiza, indicando o que o público irá discutir.

respectivamente com 5h, 4h53m22s e 4h28m diante dos televisores. Nos três casos significa que uma pessoa que dorme oito horas por noite destina um quarto do seu tempo útil a TV (*Folha de S. Paulo*, 11/01 e 12/04/2005). Mesmo a escola não é tão preponderante na formação cultural. Segundo a organização não-governamental TV Turnoff, um jovem americano passa, em média, 900 horas por ano na escola e 1.023 horas vendo TV. Este jovem assiste, por semana, 4h41m, de programação. A estimativa é de que, no mesmo período, ele converse com os pais 38 minutos. Talvez menos, se considerarmos as horas repartidas entre *webcams e fotologs*, os compulsivos jogos em rede, o fervor do Orkut e as sessões do MSN Messenger (MORAES, 2006, pp. 40-41).

Soares (2007) complementa afirmando que a adesão dos brasileiros ao campo da comunicação audiovisual e virtual legitima a entrada do país no que ele chama de Era da informação. Uma época que ficará marcada na história da humanidade como aquela em que as tecnologias da comunicação propiciaram a notícia em tempo real, diminuíram distâncias, uma Era caracterizada pelo,

[...] triunfo da técnica, onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção das palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude (SANTOS apud MOARES, 2006, pp. 10-11).

Segundo Castells (1999), é o surgimento e desenvolvimento de um novo sistema cada vez mais universal e digital, um “mundo realmente multicultural e interdependente, que só poderá ser entendido e transformado a partir de uma perspectiva múltipla que reúna identidade cultural, sistemas de redes globais e políticas multidimensionais” (p. 43). Um universo que tanto,

[...] está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldados por ela (Ibidem, p. 22).

As formas de espaço e de tempo implodem, se modificam, se entrecruzam em moldes desconhecidos: "As noções de espaço e tempo estão sendo revolucionadas pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos incorporados e dinamizados pelos movimentos da sociedade global" (IANNI, 1999, p. 249).

Castells (1999) complementa que,

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de

imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem (p. 397).

Em uma sociedade regida pela velocidade, instantaneidade, somos bombardeados por milhares de informações, vindas dos mais variados meios. Segundo informações da Agência de Notícias Reuters<sup>7</sup> (2003, apud MOARES, 2006, p. 42), a World Future Society aponta que “a massa de conhecimentos da humanidade cresce 100% a cada cinco anos, com tendência a dobrar a cada 90 dias em dez a 15 anos”. Esse potencial de crescimento é confirmado com o dado de que apenas 3% das fibras ópticas produzidas estão sendo utilizadas.

Essa avalanche de informações faz com que diariamente tenhamos a possibilidade de entrar em contato com novas culturas, visitar países, conhecer histórias de pessoas que estão fisicamente distantes, mas virtualmente próximas. Isso é proporcionado pelas tecnologias da comunicação. Segundo Baccega (2005b, p. 9), com a rapidez que a tecnologia permite, “vai se delineando o processo de construção/reconstrução de identidades, inseridas todas na internacionalização do mundo, ao mesmo tempo que, se reforçam, pelas marcas da diferença, as culturas locais e regionais”.

Nesse sentido, Martín-Barbero (2002) propõe diferenciar as lógicas unificantes da globalização econômica das que mundializam a cultura. Sem desconsiderar a perversidade do mercado, o autor afirma que no âmbito cultural, deve-se considerar a autonomia do local e do nacional.

La mundialización es un proceso que se hace y deshace incesantemente. Y en ese sentido sería impropio hablar de una ‘cultura global’ cuyo nivel jerárquico se situaría por encima de las culturas nacionales o locales. El proceso de mundialización es un fenómeno social total, que para existir se debe localizar, enraizarse en las prácticas cotidianas de los pueblos y los hombres. La mundialización no puede confundirse con la estandarización de los diferentes ámbitos de la vida que fue lo que produjo la industrialización, incluido el ámbito de la “industria cultural”. Ahora nos encontramos ante otro tipo de proceso, que se expresa en la cultura de la modernidad-mundo<sup>8</sup>, que es una nueva manera de estar en el mundo (MARTIN-BARBERO, 2002, pp. 07-08).

Apesar dessa autonomia e negociação cultural constante, os acontecimentos locais e nacionais passam a ser influenciados por um contexto global. Em outras palavras, vivemos um período assinalado pela globalização, que se caracteriza, segundo Santos (2000), como um

<sup>7</sup> Criada 1851, na Inglaterra, a Agência de Notícias Reuters é hoje a maior **agência** internacional de **notícias** e multimídia do mundo. Tem mais de 14 mil funcionários, sendo 2.500 jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas, que operam em 204 cidades de 150 países, fornecendo textos em 26 línguas. Cada dia, transmite mais de 8 milhões de palavras em 26 idiomas. Disponível em: <[www.infoamerica.org/agencias/reuters](http://www.infoamerica.org/agencias/reuters)>. Acesso em 05 jul. 2011.

<sup>8</sup> Para aprofundamento da expressão, ver: ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Braziliense, 1994.

fenômeno que tenta suprimir as fronteiras do local, do nacional, fazendo com que pessoas, lugares, ideias, informações se tornem globais, universais.

Nesse contexto, apesar de ainda serem mantidas formas antigas de relacionamento, não há como negar a presença de novas formas de sociabilidade impregnadas de tecnologia. Para Moraes (2006), as relações humanas tendem a se tornarem virtuais nesse cenário de mediação.

Na atualidade frenética, as relações humanas tendem a virtualizar-se ou telerealizar-se no cenário de mediação, caracterizado por mediações e interações baseadas em dispositivos tecnológicos (Sodré, 2002, pp. 21-25). As tecnointerações exercem influência marcante nos padrões de sociabilidade e nas percepções dos indivíduos (MORAES, 2006, p. 36).

Se há alguns anos não imaginávamos toda essa avalanche tecnológica, hoje ela é real e onipresente em nossas vidas. Em geral, não ficamos um dia sem celular, sem checar nossa caixa de e-mails, sem navegar na rede mundial de computadores, sem visitar alguma rede social. Essa nova realidade, segundo Martín-Barbero (1998) é experimentada com facilidade pelos jovens. Pois,

[...] é em seus relatos e imagens, em suas sonoridades, fragmentações e velocidades que eles encontram seu idioma e seu ritmo. Pois, frente às culturas letradas, ligadas à língua e ao território, as eletrônicas, audiovisuais, musicais, ultrapassam essa limitação, produzindo comunidades hermenêuticas que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade. Identidades de temporalidades menos extensas, mais precárias, mas também mais flexíveis, capazes de amalgamar e fazer conviver ingredientes de universos culturais muito diversos (Ibidem, p. 58).

Por sua vez, Brocano (2000, apud MORAES, 2006, p. 43) resume a finalidade da tecnologia ao situá-la como “a capacidade de abrir possibilidades e criar oportunidades”. Segundo ele, “a tecnologia é antes de tudo um espaço de alternativas possíveis: é o lugar desde o qual se pode configurar o futuro no que depende da ação humana”.

No entanto, Postman (1994, p. 14) nos alerta que qualquer inovação tecnológica tem dois lados, “toda tecnologia tanto é um fardo como uma bênção; não uma coisa ou outra, mas sim isto e aquilo”. Assim, podemos apreender que, as tecnologias, apesar de integrarem, também excluem. Alguns são excluídos apenas do acesso às tecnologias, outros não têm acesso a direitos básicos, como luz elétrica, educação, emprego, saúde. É o contraditório da globalização, apesar do termo indicar uma abrangência global, mundial, a realidade demonstra exclusões constantes.

É o que Santos (2000) chama de *Globalitarismo*, a ideia de incluir, excluindo (Foraclusão). Segundo ele, a globalização surge como um discurso democrático, de livre acesso, troca de

mercadorias, integração econômica, porém o que se percebe são a centralização e a dominação de poucos sobre muitos.

Castells (2011) acrescenta que, a sociedade em rede, baseada na comunicação através da multimídia, não inclui todas as pessoas. Para ele, no início do século XXI, “ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afetada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social” (p. 18).

Essa situação, segundo Santos (2000), mostra a perversidade da globalização, exacerbada pelo papel tirano da informação. O autor afirma que a informação, que é apresentada à humanidade, é manipulada por alguns grupos ou empresas que mandam em escala global. Essa informação acaba representando uma ideologia. As pessoas ficam sabendo dos acontecimentos pela mídia, que veicula uma interpretação particular e interessada dos fatos.

Moraes (2006) corrobora com Santos (2000) ao afirmar que há uma concentração monopólica dos meios de comunicação.

Não adianta pôr em relevo a televisão segmentada e os downloads de filmes na Web, ignorando-se que grande parte da avalanche imagética tem procedência e eixo de poder definidos: as produções de Hollywood detêm 85% do mercado cinematográfico global; e 77% das programações televisivas na América Latina provêm de conglomerados norte-americanos (MORAES, 2006, pp. 45-46).

Entretanto, mesmo considerando esta realidade, o autor traz o outro lado da moeda, afirmando que seria miopia olhar a mídia apenas como manipuladora. E ainda, supor que as audiências são passivas. Muito pelo contrário, sabe-se que as respostas dos receptores às mensagens dos meios de comunicação são, muitas vezes, contrárias às intenções da mídia. Ou seja, “não há, pois, um modelo único, que se imponha, mecanicamente, aos receptores” (MORAES, 2006, p. 45).

Baccega (2005a) afirma que na discussão sobre os meios de comunicação e novas tecnologias há uma dicotomia que precisa ser superada. De um lado, estudiosos que olham para os meios como inofensivos, observando apenas seus benefícios; de outro, aqueles que os veem como a encarnação do mal. Para ela, deve-se sim criticar os meios de comunicação, mas para isso precisamos compreendê-los.

Uma certa veneração, um respeito excessivo, praticamente uma reverência tem caracterizado a relação da sociedade com os meios. Percebe-se que há certo temor com relação a eles [...]. E o tempo que dedicamos à reflexão sobre eles tem sido usado para maldizê-los, negá-los, transformá-los na bruxaria maior de nossos tempos, responsabilizando-os pelas mazelas da sociedade: da falta de empregos à banalização da

nudez, da manipulação do processo eleitoral à violência cotidiana (BACCEGA, 2005a, p. 151).

A compreensão dos meios pressupõe um olhar diferenciado sobre suas consequências. Afinal, as novas tecnologias da comunicação não são apenas aparatos tecnológicos. O cenário de mediação constrói novas formas de relacionamento, convivências, interação. Esse cenário é apresentado da seguinte forma por Martín-Barbero (2002),

[...] estamos ante la configuración de un ecosistema comunicativo conformado no sólo por nuevas máquinas o medios, sino por nuevos lenguajes, sensibilidades, saberes y escrituras, por la hegemonía de la experiencia audiovisual sobre la tipográfica, y por la reintegración de la imagen al campo de la producción del conocimiento. Todo lo cual está incidiendo tanto sobre lo que entendemos por comunicar como sobre las figuras del convivir y el sentido de lazo social (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 6).

Se a revolução tecnológica trouxe consigo novas formas de sociabilidade, produziu e continua causando mudanças em todas as instituições sociais, principalmente na escola, para Santos (2007),

A escola está cada vez mais cruzada pelas novas tecnologias, pelas linguagens audiovisuais e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamento que marcam o mundo. [...] a transmissão de conteúdos fragmentados, a centralidade do professor não se ajustam mais aos novos padrões de comportamento exigidos pela sociedade tecnológica (Ibidem, p. 73).

Dessa forma, cabe-nos discutir qual o papel da escola nesse contexto e como ela irá lidar com essa nova realidade mediada.

### **3 O PAPEL DA ESCOLA NA SOCIEDADE MEDIADA**

Se a mudança de perfil da sociedade, provocada pelas modernas tecnologias da comunicação, atingiu a escola, ela precisa incorporar essa realidade. Não no sentido apenas de se equipar tecnologicamente, mas de buscar a inclusão dessa tecnologia na sua dimensão sociocultural. Para Martín-Barbero (2002, p.17), “se trata de la des-ubicación y re-ubicación de la educación en el nuevo entorno difuso de informaciones, lenguajes y saberes, y descentrado por relación a la escuela y el libro, ejes que organizan aun el sistema educativo”. Fantin (2006), por

sua vez, complementa que se estamos sendo educados pelos diversos meios oriundos da cultura da mídia, tornando o audiovisual algo central, a escola precisa se redimensionar.

Segundo Baccega (2005b, p.10), nessa reconfiguração da escola, um dos pontos chave é ensinar o aluno a trabalhar a informação, “dando-lhe condições de incorporá-la a partir do conjunto de ideias, valores e objetivos da cultura, tornando-a conhecimento e utilizando-a para colaborar na solução dos problemas de sua realidade”.

Nesse sentido, Citelli (2007) insiste que a escola pode e deve desenvolver a alfabetização midiática, que também se tornou tarefa da educação formal incentivar os alunos a compreender, produzir e entender os processos de comunicação, e dessa forma “ajudar na ampliação do senso crítico, na visagem menos ingênua perante os processos comunicativos” (p. 9).

Segundo o autor, essa proposição, está baseada na constatação de que as formas midiáticas são onipresentes na escola. Apesar de muitas vezes estarem “esmaecidas, escondidas ou sonegadas: a televisão, a internet, o rádio tornaram-se onipresentes na vida dos estudantes, estando com eles mesmo quando, na sala de aula, nos pátios, não se apresentam fisicamente” (CITELLI, 2007, p. 9).

O grande desafio da escola, nesse contexto, é não perder sua função principal de formação de cidadão críticos, mediante a transmissão dos conhecimentos produzidos e acumulados pelos homens. Pelo papel que exerce na sociedade não pode desconsiderar ou ficar alheia às mudanças.

[...] a escola, um dos principais pilares para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, não pode se fechar para o novo, limitando-se a contemplar a história e os feitos passados, mas sim agir no presente, apropriando-se de todos os meios disponíveis para consecução de seus objetivos, formando cidadãos autônomos, críticos e participantes que possam empreender as mudanças necessárias à construção de uma sociedade com relações mais humanas (MORAES, 2005, p. 297).

De acordo com o autor, não há como negar a existência de escolas paralelas, “tal a função desempenhada atualmente pelos veículos de comunicação na produção e na difusão de informações, consagrando novas formas de aprender” (MORAES, 2005, p. 300). Essa ideia é corroborada por Citelli (2002, apud, SANTOS, 2007, p. 60), de que a presença maciça dos meios de comunicação leva a novas formas de compreender o mundo, “o que patrocina um novo redesenho dos modelos de educadores, que aproxima, de maneira inédita, os fluxos comunicativos e as práticas pedagógicas escolares”.

Tanto professores quanto alunos vivem em um espaço social midiaticizado. E a presença dos meios de comunicação na vida das crianças acontece cada vez mais cedo. Por isso, os professores devem considerar essa realidade.

[...] as novas gerações são leitoras da comunicação audiovisual ainda no estado intra-uterino. A mãe, quando está grávida, senta em frente à televisão, se emociona, passa para o feto aquelas impressões. Tudo vira história [...]. As novas gerações são formadas nisso desde que abrem os olhos para o mundo. Já estão compreendendo aquilo que a televisão está mostrando, que o cinema está exibindo. Trazem isso para dentro da sala de aula, esse conhecimento, essa leitura. São todos pós-graduados em linguagem-audiovisual quando entram analfabetos na escola [...] (FRANCO, 1996, apud LIMA, 2009, p. 21).

Escola e educadores não podem desprezar a facilidade dos jovens em se relacionar com os recursos tecnológicos. Moraes (2005, p. 298), alerta, que “declarar guerra às tecnologias seria negar a própria contemporaneidade – e os jovens não hesitariam em manifestar sua opção”.

A alternativa é que professores se apropriem dos conhecimentos sobre os meios e suas linguagens, para o melhor entendimento de seus significados, estrutura de ação e consequências dos *media* e das novas tecnologias.

Admitir a existência de um diálogo próximo entre comunicação e educação significa, portanto, constatar que não se aprende/aprende mais como ocorria em tempos dominados por ciclos do conhecimento constituídos, apenas, em torno da oralidade primária ou da escrita: as novas possibilidades oferecidas por aquilo que Pierre Lévy chamou de fase informático-mediática ressignificaram planos afetivos, de sociabilidade, de cognição. As intercorrências comunicativas e as práticas pedagógicas escolares passaram a ter, desse modo e por força das presentes circunstâncias históricas, enorme aproximação (CITELLI, 2006, p. 8).

O que não pode haver, por parte do professor e da escola, são resistência e preconceito. Citelli (1994, p. 25), afirma que, normalmente, a escola resiste a quase tudo o que é novo, que provoca mudanças no seu funcionamento, muitas vezes por desconhecimento, ela “reage com desprezo e com o discurso pedagógico ‘da distração’, do alheamento e da necessidade de saber apenas em que ano a América foi descoberta”.

Santos (2007) acrescenta que,

[...] a rejeição aos meios de comunicação, tanto da parte da escola quanto de outras instituições sociais passa menos pelos meios de comunicação e pela dificuldade de domínio de sua gramática de produção e mais pela crise de representações que traduz. Os meios de comunicação lidam com outra maneira de ver e ler, de sentir e apropriar-se do mundo, uma relação à qual a escola não está acostumada (p. 72).

Ainda sobre a rejeição da escola em relação à mídia, Martín-Barbero (2002 apud MACHADO, 2010, p. 4), afirma que “a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos ecossistemas comunicativos<sup>9</sup>, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações, narrativas que alteram a percepção”.

Quando se fala em pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios não implica desconsiderar que a mídia está a serviço dos sistemas dominantes, das ideologias das classes dominantes. Portanto, a escola deve considerar essa realidade, e prestar igualmente mais atenção na forma como os alunos produzem sentidos a partir das mensagens dos meios.

É também importante compreender que,

[...] os ecossistemas comunicativos não são guiados pelas máquinas ou meios, mas por linguagens, saberes e escritas, pela hegemonia da linguagem audiovisual sobre a tipográfica que desordenam e remodelam as formas de aquisição do saber e do conhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 111).

Jacquinet (apud SOARES, 2010), ao justificar o fato de a escola ignorar ou repudiar o conhecimento oriundo da mídia, esclarece que são muitos os fatores que opõem de fato a escola tradicional e o sistema de meios.

Na escola, que é obrigatória e demanda esforço, o saber transmitido é selecionado, construído, arquitetado segundo uma progressão definida, que se desenvolve no tempo. A escola entende-se como objetiva e não-temporal, a mesma para todos e igualmente distribuída, fazendo jus ao emprego de uma avaliação sistemática. A escola acredita ocupar um lugar privilegiado em relação ao mundo exterior, por ser encarregada de transmitir a cultura do saber... e é por isso que pretende apresentar-se como melhor adaptada aos jovens de meios sócio-culturais mais favorecidos. Já com os meios de comunicação, o que é transmitido é muito mais informações do que o saber (o que não é a mesma coisa). O saber-informação é fracionado, descontínuo, mostrado “em mosaicos”, como se costuma dizer. O que é privilegiado é “o aqui e o agora”, o rápido e o efêmero; “a encenação da informação”, mais do que o conteúdo; o sensacional e o emocional, mais do que o racional e o abstrato. Enfim, os meios tratam de todos os assuntos, e não há nenhum controle sobre a forma como trabalham (JACQUINOT, apud SOARES, 2010, p. 10).

Apesar de, à primeira vista, serem saberes totalmente diferentes, o que a autora defende é que a escola não pode ignorar os meios de comunicação, devendo incorporar nas suas práticas essa cultura midiática, da qual o aluno está impregnado. Como afirma Martín-Barbero (1999a), na América Latina as pessoas estão apreendendo conhecimento não mais apenas pelo livro, mas também com os formatos e os gêneros do audiovisual. “La escuela ignora que en cuanto

---

<sup>9</sup> Segundo Martín-Barbero (1999b, p.33), ecossistema comunicativo é “o que aparece como estratégico, mais que a intervenção dos meios, é a aparição de um ecossistema comunicativo que está se convertendo em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental”.

transmisora de conocimientos, la sociedad cuenta hoy con dispositivos de almacenamiento, clasificación, difusión y circulación mucho más versátiles, disponibles y individualizados que la escuela” (MARTÍN-BARBERO, 1999b, p. 14).

Segundo o autor, o grande desafio da escola é entender o desafio cultural que passa pelos meios de comunicação, “[...] la transformación en los modos de saber que está produciendo con ellos” (MARTÍN-BARBERO, 1999b, p. 17).

A compreensão dos mecanismos de produção dos meios se torna tarefa indispensável a ser realizada pela escola. Além disso, Soares (2007a, p. 40) defende que a tecnologia traz leveza e criatividade ao ambiente educacional, “sempre que a apropriação de seus recursos e processos dê-se a partir do reconhecimento da potencialidade da comunicação em favorecer a construção permanente de novas alternativas de busca de conhecimento e de convivência”.

Se a escola compreender isso, ficará mais fácil lidar com as tensões existentes entre o conhecimento livresco e as realidades midiático-tecnológicas. Afinal, segundo Baccega (2005b, p. 10), “só a escola poderá formar cidadãos que usem a tecnologia para diminuir a distância entre o homem-cidadão e o homem desrespeitado na sua condição humana”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estamos imersos em uma sociedade mediatizada, sem muitas bases para compreendê-la, pois é uma história que ainda está sendo contada/vivida. Experimentamos esta realidade e ao mesmo tempo vamos tentando explicá-la.

O que podemos afirmar é que nesse mundo mediatizado, como o próprio nome já diz, a mídia acaba se colocando como o centro das relações sociais, culturais, políticas e econômicas. As novas tecnologias estão presentes em nossa cotidianidade como extensões de nossas atividades diárias. Utilizamos, participamos e, muitas vezes, reverenciamos as inovações sem compreendermos o que são e as suas possíveis consequências. Não paramos para pensar a respeito das intencionalidades e implicações desse mundo permeado pelos meios de comunicação e das tecnologias.

O certo é que é um caminho sem volta, cada vez mais os aparatos tecnológicos evoluem e modificam a rotina, as formas de pensar e agir e de relacionar. As tecnologias trazem benefícios

sim, não há como negar, mas também nos aprisionam numa realidade muitas vezes irreal, abstrata.

Provavelmente, os séculos XX e XXI serão lembrados como aqueles em que as tecnologias da comunicação propiciaram as notícias em tempo real, o acesso ao entretenimento, a diminuição das distâncias e possibilitaram a difusão mundial de educação e cultura. Em outros termos, o fenômeno da globalização é a marca da atualidade.

Esse contexto influencia todas as instituições, inclusive a escola, que deve aprender a lidar com essa realidade, olhar para o mundo ao seu redor e produzir conhecimento considerando a conjuntura atual, na qual os meios de comunicação fazem parte da vida das pessoas, mesmo antes delas nascerem.

A escola deve admitir que a sua função de educar está sendo dividida com os meios. Tendo a necessidade de trazer não só os meios para a escola, mas suas linguagens, suas formas de compreender o mundo, contexto tão presente na vida dos alunos. Utilizar a mídia, não como mero instrumento, mas como mecanismo de compreensão da realidade, de produção de conhecimento.

Apesar dos meios de comunicação fazerem parte de forma tão intrínseca da vida das pessoas, a compreensão dos processos de produção, dos mecanismos de sedução, da cultura da imagem, são conhecimentos que ainda não estão inseridos no currículo escolar. A comunicação já está na escola, que precisa reconhecer isso e incluir nas suas discussões. Só assim a instituição escolar conseguirá continuar cumprindo seu papel de formar cidadãos, capazes de compreender a realidade e intervir nela.

## REFERÊNCIAS

ARONOWITZ, S. **Contra a escolarização**: Educação e Classe Social. *Currículo sem Fronteiras*, v.5, n.2, p.5-39, Jul./Dez. 2005.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e cultura: a construção de significados. In: **Comunicação & Educação**. Número 2. Ano X. mai/ago 2005a. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Comunicação, Educação e Tecnologia: interação In: **Comunicação & Educação**. Número 1. Ano X. jan./abr. 2005b. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede:** do Conhecimento à Política. Disponível em: <<http://www.cidadeimaginaria.org/cc/ManuelCastells.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2011.

CITELLI, Adilson Odair. A circulação do texto na escola: mediações dos veículos de massa. In: **Comunicação & Educação**. Número 1. Ano I. set/ 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. A linguagem entre a comunicação e a educação. In: **Comunicação & Educação**. Número 1. Ano XI. jan/abr 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midiáticos. In: **Comunicação & Educação**. Número 3. Ano XII. set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação:** conceitos, experiências, diálogos Brasil – Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HUELVA, José Ignacio Aguaded Gómez. Estratégias de edu-comunicación el la sociedad audiovisual. In: **Comunicar**, n. 24, 2005. p.25-34. Disponível em: <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/610>>. Acesso em 18 jun. 2010.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LIMA, Gracia Lopes. **Educação pelos meios de comunicação:** produção coletiva de comunicação na perspectiva da Educomunicação. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2009.

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Ecosistema Cognitivo e Comunicativo**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aedcomunicao/saibamais/textos/>>. Acesso em 15 mar. 2010

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade Virtual: novos cenários da comunicação. In: **Comunicação & Educação**. Número 11. Ano V. jan./abr. 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Retos culturales de la educación a la comunicación. In: **Comunicación, Educación y Cultura**. Relaciones, aproximación y nuevos retos. Bogotá, Cátedra Unesco de Comunicación Social. Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidade Javeriana, 1999a.

\_\_\_\_\_. La educación en el ecosistema comunicativo. In: **Comunicar**, n. 13, 1999b. p.13-21. Disponível em: <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/610>>. Acesso em 18 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Ensanchando territorios en comunicación/educación. In: VALDERRAMA, Carlos, **Comunicación & Educación**. Bogotá: Universidad Central, 2000.

\_\_\_\_\_. **La globalización en clave cultural:** una mirada latinoamericana, 2002. Disponível em: <[http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/martin\\_barbero3.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/martin_barbero3.pdf)>. Acesso em 06 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORAES, Carlos Vinicius Oliveira de. De um mundo da escola para uma escola do mundo: reflexão sobre meios e sobre fins. In: **Comunicação & Educação**. Número 3. Ano X. set/dez 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

MORAES, Denis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Denis de (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.33-49.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

RUIZ, Enrique E. Sánchez. Cultura Política y Medios de Difusión Educación Informal y Socialización. **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara. n. 21, p.97-137, may-ago. 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Vanderlei S. dos. **A mediação docente na educação para a mídia**. Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação & Educação**. Número 19. Ano V. set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. In: **Comunicação & Educação**. Número 1. Ano XII. jan/abr 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/comueduc/index.php/comueduc/index>>. Acesso em 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Educomunicação:** o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2010.

SODRÉ, Muniz. Eficácia, Campo Comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.19-31.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.